ARLEQUIM

REVISTA DE ACTUALIDADES

29 MARÇO 1928

PREÇO 1$500

Nº 14

Reis Junior

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se ás quintas-feiras, em São Paulo

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 3.o andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2-1024

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno 40$000

Por semestre 22$000

Numero avulso 1$500

GERENTE

Horacio K. de Andrade

DIRECTORES

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

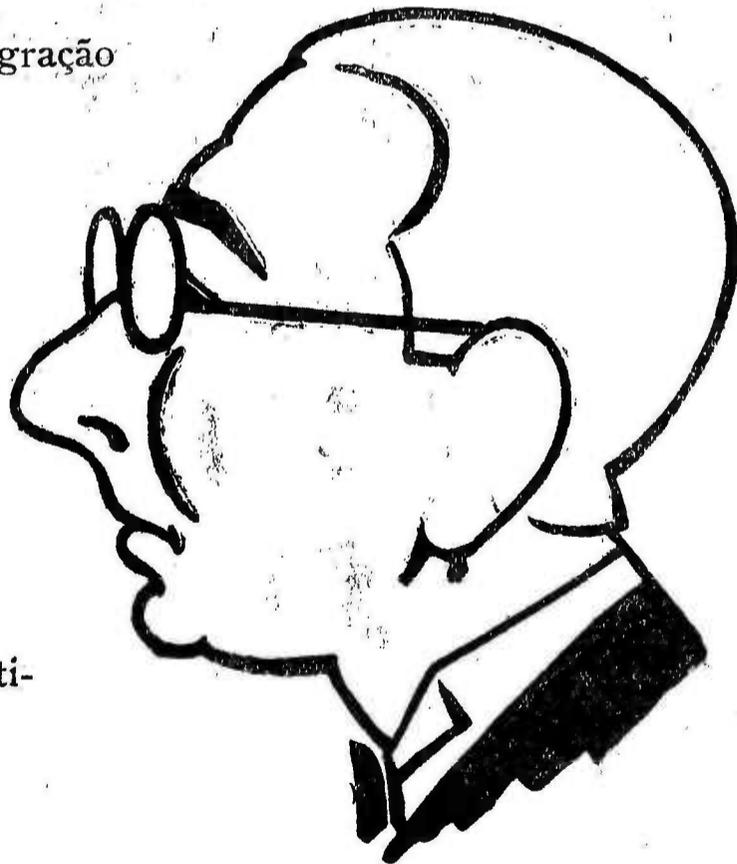
ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIÈRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, FELIX QUEIROZ, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, PEDROSO D'HORTA, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

Cleomenes Campos, o delicioso autor de "Coração Encantado", que enternece a alma de toda gente pelos lindos versos que escreve, viu premiado pela Academia Brasileira de Letras, o seu ultimo livro — "De mãos postas".

"Arlequim" vê com prazer a consagração de Cleomenes Campos pelo nosso areopago literario; e, como "Arlequim", naturalmente, todo S. Paulo, onde Cleomenes conta um grande numero de admiradores e amigos. Estes são, com certeza, os que tomarão parte na homenagem que lhe será prestada por iniciativa de Galeão Coutinho, o brilhante escriptor paulista.

A Cura positiva da pyorrhéa e tartaro dentario

Encontra-se o Esmaltodont em dois typos: HORTELÃ e BAUNILHA, *sendo este o indicado no tratamento das affecções buccaes.*

Amostra gratis, queira remetter este coupon juntamente com um sello de Rs. $300, *aos concessionarios.*

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Cartas de João d'Ether

IV

por PEDROSO D'HORTA

Minha senhora:

Intrigou-me a sua idéa bizarra de pedir, por carta, a um velho misanthropo — amizade, conselhos e definições!

Cousas incommodas para o coração asthmatico e o cerebro somnolento de um egoista bucolico. Digo-lhe, minha senhora, que meu espirito vadio se arrepia todo com as perguntas positivas do seu espirito curioso, a impor-lhe themas de reflexão.

Elle não está habituado a pensar sobre isto, ou aquillo, que todos os problemas se equivalem. As origens do sentimento religioso, a finalidade do homem, a essencia das correntes electricas e as maravilhas de um charuto havana são assumptos igualmente delicados e dignos da sua melhor attenção. Elle não tem preferencias; examina-os, lento e preguiçoso, quando o acaso os pesca no poço profundo da sub-consciencia.

Entretanto, serei prodigo de conceitos, que me encanta a doçura da sua intelligencia timida, inquieta e complicada.

Não ha intenção de galanteio na phrase anterior — ha gratidão. Gratidão pelo artificialismo das suas tristezas calmas, pelos caprichos do seu estylo macio que me fazem lembrar uma flôr de estufa, aspirada em outras terras, noutros tempos. Flôr humana, na estação soberba dos primeiros fios de cabello branco. Um rosto de linhas severas com algo de muito triste em dois grandes olhos negros!

Cousas... minha senhora! E, já que lhe dou amizade, e lhe darei os conceitos, ceda-me um parenthesis pudico para a nudez amorosa do paragrapho anterior! Que os podem ler esses horrorosos animaesinhos de vinte annos, cheios de seiva, de petulancia e de rouge. Esses animaesinhos insipidos, de movimentos contradictorios, irreflectidos e romanticos, torturados por desejos confusos, palradores ás vezes, taciturnos outras, alternativamente bons e perversos, infantis e ponderados.

As jeunes filles, emfim.

E, se lhe agrada, aventuremo-nos por esse universo de preconceitos seculares e de preconceitos hodiernos que motivou a sua carta.

O divorcio, minha senhora, é o carro de rodas quadradas que a intelligencia indecisa do homem primitivo ideou como meio de locomoção. Elle caminha aos solavancos, é lerdo, é incommodo, mas sempre caminha. Com o uso, as arestas se farão menos asperas, e nós chegaremos á maravilha dos pneumaticos confortaveis. Nesse dia o amor não será um crime, punido com as torturas chinezas de uma convivencia eterna.

Será o que é: a angustia do desejo insatisfeito.

Outro fundamento não vejo para esse complexo de alegrias sem causa, de tristezas indefiniveis, de anceios e de sonhos.

E' uma tolice medieval essa promessa boba de amor eterno. Dois seres que partilham indefinidamente o mesmo leito não se podem amar. Amor é mysterio. Amor é desejo.

Ha, minha senhora, na vida de todo casal, um momento decisivo; tardio, ás vezes, porém infallivel. E' o momento de repugnancia entre os conjuges — quando um já não tem novidades para o outro. E, naturalmente quanto maior foi o amor, maior o desprezo.

Não se perdôa um deus que cae.

Muitos fogem do lar, muitos se arrastam na sordidez das brigas quotidianas, e alguns, por temperamento, ou intelligencia, transformam o amor em amizade, ou piedade. E para fugir a essa bancarrota, a sociedade nos faculta o carro de rodas quadradas do divorcio.

Falo, naturalmente, das sociedades civilisadas; a nossa, que quasi o é, faz pequenas restricções.

"O cavalheiro tem sede?! Oh... a morte pela sede é uma cousa medonha! Vamos, beba a agua que lhe dou! Minha caridade exige apenas que o cavalheiro morra de fome."

Com um pouco de boa vontade, entretanto, o nosso codigo é a mais delicada e subtil das legislações matrimoniaes. Diz elle que é annullavel o casamento feito com erro essencial de pessoa. E todos nós casamos com o noivo, não com o marido. Com o ser affavel de caricias e presentes, de tristezas elegantes e arroubos sentimentaes. Nunca nos unimos ao ser positivo das economias ridiculas, das fraquezas imperdoaveis, que nos fiscalisa e nos attraiçôa.

A lei é liberal, tudo depende da interpretação!

Desagrada-me bastante vel-a revoltada com a maledicencia de suas amigas, com as hypocrisias e desigualdades sociaes.

A arte de viver é a arte de não ser sincero, com apparencias de sinceridade. Perdõe que lhe sirva uma opinião propria com a roupagem das phrases feitas, mas o pensamento só me occorre sob essa forma. O que é aborrecido, pois só ella importa, que as idéas, ou as temos nós ou nol-as dão os outros, por pouco dinheiro e com muito prazer.

Nada de revoltas, minha senhora, que são ridiculas, exhaustivas e inuteis. Ridiculas porque pretendem sobrepor a cegueira individual á cegueira collectiva.

E' aproveitar as differenças de ponto de vista para rir um pouco dos que não são nossos!

Quanto ao seu espanto pela minha vida retirada, creia que não o justifico. E' deliciosa esta volupia de ser só, sem parentes que nos cuidem da saude, sem amigos que nos discutam as acções.

Sentir que ninguem se interessa por nós, que somos uma unidade perdida no infinito dos homens que já passaram pelo planeta, anonymos na vida e anonymos na morte.

João d'Ether

P. S. — Minha senhora, se conhece um bom remedio para colicas hepathicas, peço-lhe a receita, que tenho o figado em misero estado...

O primeiro concurso de ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpreta por ahi a sua literaturazinha ás occultas... Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não há mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estilista maravilhoso dos **"Motivos de Proteo"** *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!" Não nos parece tenha lá muita razão o argulo pensador de* **"Ariel"** *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada.*

Meu amigo

Eu vivi o lado doloroso da vida e já me não é possivel acreditar, ter fé na vida.

Tenho lagrimas a bailar nos olhos, meu coração bate vagarosamente num infinito desejo de parar... Mas é preciso que eu diga e é preciso que me comprehendas.

Eu não posso acceitar o amor que me offereces. E' tarde demais! Cheguei num ponto em que u'a mulher renuncia a tudo, porque não acredita mais.

Tenho tanto medo de ser feliz... e tanto medo que esta felicidade se transforme... E estou cansada de decepções. A minha vida foi um desmoronamento. E a gente só ama e acredita uma vez!

Eu te amei, deixa-me dizer baixinho, ao teu ouvido, eu te amei demais! Era creança e era crente.

Dei-te a minha alma para a tua alma, a minha vida para a tua vida, renunciei a tudo para fazer uma felicidade inutil. Só te revelaste homem, quando eu me revelei toda alma. Mas, por tudo isto eu te perdôo; o que me custa perdôar é teres matado o sonho que fiz grande, tão grande que meu coração era pequeno, meu pensamento pouco extensivo para abranger um sonho quasi infinito.

Nós, as mulheres, somos teimosamente creanças, eternamente creanças, quando amamos pela primeira vez. Depois, é que os homens nos mostram que o nosso sonho é sempre sonho, e a realidade é uma dolorosa revelação!

Hoje, que me vens offerecer um amor grande, intenso como foi o meu outrora, recuso, porque é tarde demais para ser feliz.

Não, meu amigo, obrigada, tres vezes obrigada por esta generosidade de homem para a minha sensibilidade de mulher. Obrigada, mas, não posso! Eu fui toda uma revolta, depois fui uma anniquilação.

E nesta revolta, neste anniquilamento, gastei a melhor parte da minha vida. Depois, gastei outra parte a moldar outra alma, a burilar outro coração para continuar a viver.

A vida é uma arte dolorosa. Custei muito a ser artista dentro de mim mesma. Mas, venci!

Hoje, que tenho a alma estilisada e me materialisei tambem, comprehendo o que posso valer para ti: mais que u'a mulher, menos que uma santa. E' tarde, repito. Terias commigo uma decepção inevitavel. Já não sou mais a mesma, já me habituel a achar delicia na dôr. Fiz da dôr um culto de belleza. Vivo da dôr e pela Dôr. Mas não sou uma torturada. Aprendi a soffrer, eis tudo.

Fizeste-me, tambem, um grande bem. Sem ti, sem o teu abandono, eu nunca sentiria estas cousas que chamo: motivos de belleza.

O meu perdão pelo passado é todo de suavidade e ternura.

Pelo que me offereces, agora, pelo lampejo emotivo, pela vibração que me fizeste sentir ainda, eu te agradeço no melhor carinho.

Mas estas cousas aprendi a calar muito bem em mim, e depois é tão facil conter os impetos que já perderam muito da intensidade...

E na maior das renuncias quero dizer-te ainda uma vez: eu te amei tanto, tanto...

Um adeus e uma lagrima.

MARIA LUCIA.

Dinorah adorada

Aqui estou, ha apenas dois dias. E esse curto espaço de tempo já bastou para deixar o meu pobre coração a transbordar de saudades... Cada minuto que passa quer me parecer uma hora, cada hora um dia, cada dia um seculo!

Não porque eu tema que essa separação possa diminuir o ardor do nosso affecto. Em absoluto. Conheço-te bastante, e sei quão verdadeiro é o teu amor. E, quanto a mim, seria impossivel esquecer-te, pois em tudo que me cerca, mesmo nas minimas cousas, julgo ver a tua imagem de fada. — Além d'isso, acredito n'aquellas palavras de La Rochefoucauld: "a Ausencia diminue as paixões mediocres e augmenta as grandes, como o vento apaga as velas e atiça as fogueiras."

— Lembras-te, Dinorah de minh' alma, do baile em que tive a suprema ventura de te conhecer?

Recordas-te das palavras escondidas de ternura que te dirigi? Dizem que recordar é viver; recordemos então...

— Era no Trianon...

A festa tinha attingido ao auge da animação. Um amigo havia-nos apresentado um ao outro havia momentos. E os nossos olhares, cruzando-se, exprimiram tudo o que as nossas boccas ainda não ousavam dizer. — A orchestra rompeu um tango... "Arrabalero"... langoroso como todos os tangos. Sahimos dansando... silenciosos... alheios a tudo. N'isto o salão ficou mergulhado n'uma meia obscuridade, como que combinando com a dolencia do tango; e aquella meia-obscuridade dissipou um pouco a minha hesitação. Timido a principio, fui, pouco a pouco, vencendo o meu enleio, e contei-te tudo o que me ia na alma. Sorriste, meio incredula, sem nada dizer...

Mas, os teus meigos olhos castanhos contavam-me que não eras de toda indifferente ás minhas palavras. Isto animou-me ainda mais, e quando, cessada a musica, reaccenderam-se as luzes, sahimos para o terraço.

Lá em baixo, a São Paulo dos arranha-céos dormia. A lua, a eterna protectora dos namorados, banhava com a sua luz argentea a cidade socegada.

Alli ficamos, silenciosos, por alguns minutos... Depois, instei comtigo, e resolveste falar; confessaste que tambem já me amavas, mas tinhas medo de acreditar nas minhas palavras..., pois se ouvias falar tão mal dos homens...

Repeti então o que te dissera emquanto dansavamos, e falei-te com tão sincero ardor que, oh suprema felicidade, tive o poder de convencer-te.

Acabado o baile nos separamos, e senti então que levava no meu coração qualquer cousa de novo, qualquer cousa de sublime, que me fazia ter orgulho de mim mesmo! Desde aquella noite, Dinorah adorada, o meu pensamento não te abandonou, e juro-te, jamais te abandonará!

E aqui desta cidadezinha quieta, onde tudo parece sorrir, desde a egrejinha rustica até o semblante franco dos seus habitantes, recebe, minha meiga Dinorah, o coração replete de saudades do teu

NELSON.

Meu malandro:

Hontem fui ao baile do Esplanada e, através da minha mascara, observei todos os teus movimentos, todos os teus desatinos...

Não penses, porém, que me disfarcei, com o intuito de te espreitar; longe de mim semelhante fatuidade: achava-me, apenas, acompanhada pelo Arthur e, por conveniencia toda pessoal, não me quiz dar a conhecer.

Meu gatinho, porque me enganas quando sabes perfeitamente que eu sou a tua fonte de delicias?

Quando o meu corpo em tuas mãos, vibra em harpejos. Tu és o artista — eu o instrumento! Dize-me: a qual de nós dois cabem os trophéos da gloria?

A ti, naturalmente; mas no momento em que não puderes mais tocar as cordas desta lyra, um roseo e perfumado corpo de mulher, que será de ti?

Quem poderá, como eu, proporcionar-te as indefiniveis doçuras que sentes ao meu lado?

Tu e eu realizámos o mais perfeito accorde que a arte humana poderia conceber... E esse amor, esse desejo ardente que nos incendeia cada vez mais, é a symphonia do peccado em toda a sua majestade, em todo o seu esplendor!

Por diversas vezes me consideraste um objecto de luxo, uma bonequinha futil, dessas que se deixam com fastio, depois de um certo tempo, e me quizeste abandonar...

Parecia ser tão facil...

No entanto, depois de alguns dias, chegaste á conclusão de que eu era a tua seiva, a tua vida!

Sem mim, serias um mendigo!

Commigo, pairas acima de tudo que é mortal, pois eu te soube divinisar.

Não penses que accendeste em meu coração as chammas do ciume... Ao contrario: sei que preparas a exaltação do meu amor proprio.

Procura, querido, todas as mulheres que desejares, pois quero ter, mais uma vez, a ventura de te receber em meus braços louco de desejos, ébrio de satisfação...

Sinto que não sou uma creatura vulgar...

A natureza creou em mim o typo da mulher ideal: deu-me a ternura da brisa e a sensualidade do mar...

Volta a mim e terás a esposa, a mãe e a amante, resumidas nesta deliciosa figura de mulher.

P H E D R A

E' grande o numero de cartas que temos recebido. As publicaveis serão todas publicadas, observado o criterio das entradas nesta redacção, mas pedimos que nos sejam enviados trabalhos o menos extensos possivel e escriptos apenas de um lado. Luctamos com uma falta de espaço atordoadora. Vamos tentar inserir tres ou quatro cartas em cada numero.

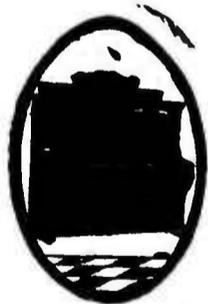
— Insistimos em dizer que é necessario venha sob pseudonymo a carta de amor. O nome do autor ou da autora precisa vir dentro de um enveloppe fechado, posto no sobrescripto o pseudonymo adoptado.

— Recebemos, até á hora de fecharmos esta pagina, cartas de amor assignadas por Nelson, Phedra, Virginia, Luiz, Rajah, Chopinski, Maria Lucia, Lucio, Claude, Stella Dulce, Teu, Mariangela, Irma, Lygia, Sergio, Dario, Catina.

— Os autores que, por inadvertencia, não nos tenham ainda enviado os seus verdadeiros nomes em enveloppes separados e fechados, devem fazel-o immediatamente, pois em breve determinaremos o dia em que o concurso será encerrado. A elle não poderão concorrer os que não hajam satisfeito aquellas condições.

Vamos dirigir-nos a tres ou quatro literatos brasileiros de renome, alheios á direcção de "Arlequim", os quaes elegerão entre si um presidente para, havendo empate na classificação dos trabalhos, proferir com o seu voto a ultima palavra.

A lista dos premios será publicada por occasião do encerramento do concurso.

— Para facilitar a ordem dos trabalhos desta redacção, devem as cartas de amor trazer este endereço: "Direcção de Arlequim — Concurso de cartas — Caixa 3323 — S. Paulo".

O MARINHEIRO

Sobre um fragil madeiro,
Exposto, ao sol, á chuva, ao nevoeiro,
Lá vae o marinheiro.

Tem o rosto leal e o corpo de aço
Que não mostra cansaço,
Tostados pelos beijos do mormaço.
Fitando o velho mar, com o cabello ao vento,

Nas vagas erebatado, elle, um momento,
Quantas vezes não volve o pensamento
Para a terra distante onde os amores,
Tendo a sina das flores,
Ticarama perder o aroma e as vivas côres;
Mas volta logo a realidade
E, com grande anciedade,
Sem ouvir as palavras da saudade,
Ao trabalho se atira
Contendo muita vez um vagalhão omira
Nas majestosas aguas de saphira,
Ou buscando,
Ao som de uma voz forte de commando,
Sulcar veloz o oceano alegre, docil, brando,
E desse modo vive o marinheiro,
De noite e o dia inteiro,
Seguindo sempre audaz o seu roteiro.

FRANCISQUINHA DE CAMPOS.

S. Paulo, 5 — 12 — 1927.

ARIEAVIM
PUBLICAÇÃO SEMANAL EM S. PAULO

DIRECTORES
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

ANNO I 29 DE MARÇO DE 1928 N. 14

A AGONIA DO VERSO

O soneto estrebucha... O velho leão, que Valencia queria "de ancha cabeza y resonante cola" agoniza, aos pés de seus derradeiros domadores.

Após o esplendor da "Tarde" e a moldura de ouro das "Columnas", o soneto começou a decair, até rolar por ahi além, como um cão sem dono, sob a chacota e o riso dos modernos.

E quando se cuidava que o Principe Alberto tivesse a hombridade de poupar ao soneto esse ridiculo, combatendo a seu prol, intrepidamente, como um daquelles capitães, que atravessaram o campo inimigo e trouxeram cada qual um copo dagua, com mão tão firme que apesar de se terem batido com a direita o entregaram cheio a seu rei; quando se acreditava que elle nunca baixasse de sua torre de marfim ou bronze para vir parlamentar com a turba futurista, eil-o a distribuir louvaminhas entre poetas, que aos proprios criticos camaradas afiguraram-se ainda tacteantes. E não ficou nisso: a ultima serie das "Poesias" apresenta um verso, que só acreditamos da autoria do poeta da "Arvore", porque faz parte integrante da collectanea.

"Agora é tarde para novo rumo conhecer a caducidade do verso metrico e, em principal, do soneto, esse deformador por excellencia de idéas..."

Carlyle — que importa a formosa contestação de M. Guyou? — Carlyle estava com a verdade quando, sem preoccupações futuristas, asseverou, um dia, que a fórma metrica é um anachronismo e o verso uma coisa do passado.

Em particular, o soneto é um torculo. Constringe e apouca a imaginação mais desbordante.

O que se quer, hoje, é uma formula poetica que se coadune com os nossos novos modos de sentir. Maleavel. Trepidante. E livre. Livre!

Ora, o soneto é inadapatavel a exigencias estheticas do momento. Os Hugo, os Castro Alves, que tinham imaginação para uma centena ou mais de poetas, só accidentalmente recorreram a esse leito de quatorze pollegadas. Entende-se. Como expandir e, ao mesmo tempo, aprisionar os grandes pensamentos no circulo torturante de quatorze versos?

Dir-se-á que o merito do soneto reside justamente nessa tortura, em que se provam os verdadeiros artistas. De accôrdo. Mas, pode-se lá conceber que um homem de imaginação se fique a podar, pacientemente, as suas idéas, nesse trabalho de pura chinezice, emquanto o mundo em torno, na sua evolução vertiginosa, está a exigir da potencialidade do poeta um poema dynamico e forte, em que se condense toda a inquietação do seculo do radio?

Força é desprezar os velhos processos de poetisação.

A poesia moderna (referimo-nos á poesia prefuturista) independe de regriculas para ser tão synthetica ou muito mais synthetica do que o soneto. Ou mais ampla e agil de qualquer outra formula passadista. Desde Whitman. Whitman, que possuiu a intelligencia do vocabulo proprio (self-expression), ao contrario de certos pernilongos futuristas, para os quaes o segredo maior da nova arte consiste apenas em construir prosa réles, escalonada em verso, com pretensão a poema.

Já era tempo, portanto, de estrangular o soneto. Não para adoptar essas formulas idiotas, em que se revezam uns tantos poetas rachiticos da vanguarda, mas porque, libertados do tan-tan monotono das tonicas metricas, logremos despertar o rythmo proprio, que vive adormecido em cada um de nós.

Modernizemo-nos!

Sem apedrejar ninguem. Nem os grammaticos. Nem os sonetistas recalcitrantes. Nem, mesmo, a Sé...

Modernizemo-nos, porém, a todo o custo!

Decepando, de um golpe, os quatorze tentaculos que o polvo da rima fincou solidamente em nossa imaginação. Deixando de pensar em 10 ou 12 syllabas. Torcendo, emfim, o pescoço ao soneto.

Porque o soneto está para a intelligencia bahiana, como a igreja da Sé para o progresso material da urbe. São duas excrescencias ou dois trambolhos de um passado morto.

Destruir o soneto é, já, meio caminho andado para a destruição da Sé.

Ah! é preciso arejar, vasculhar a imaginação dessa patina, que a deslustra e atrophia.

Abjurar, uma vez por todas, essa ladainha de rimas que anda por ahi de bocca em bocca, como o incenso — cheio da Bahia — anda por todas as narinas.

Porque o soneto agonisa...

Ou ainda o farão rei, depois de morto?...

(Bahia) **EUGENIO GOMES**

MASCARA DE COLOMBINA

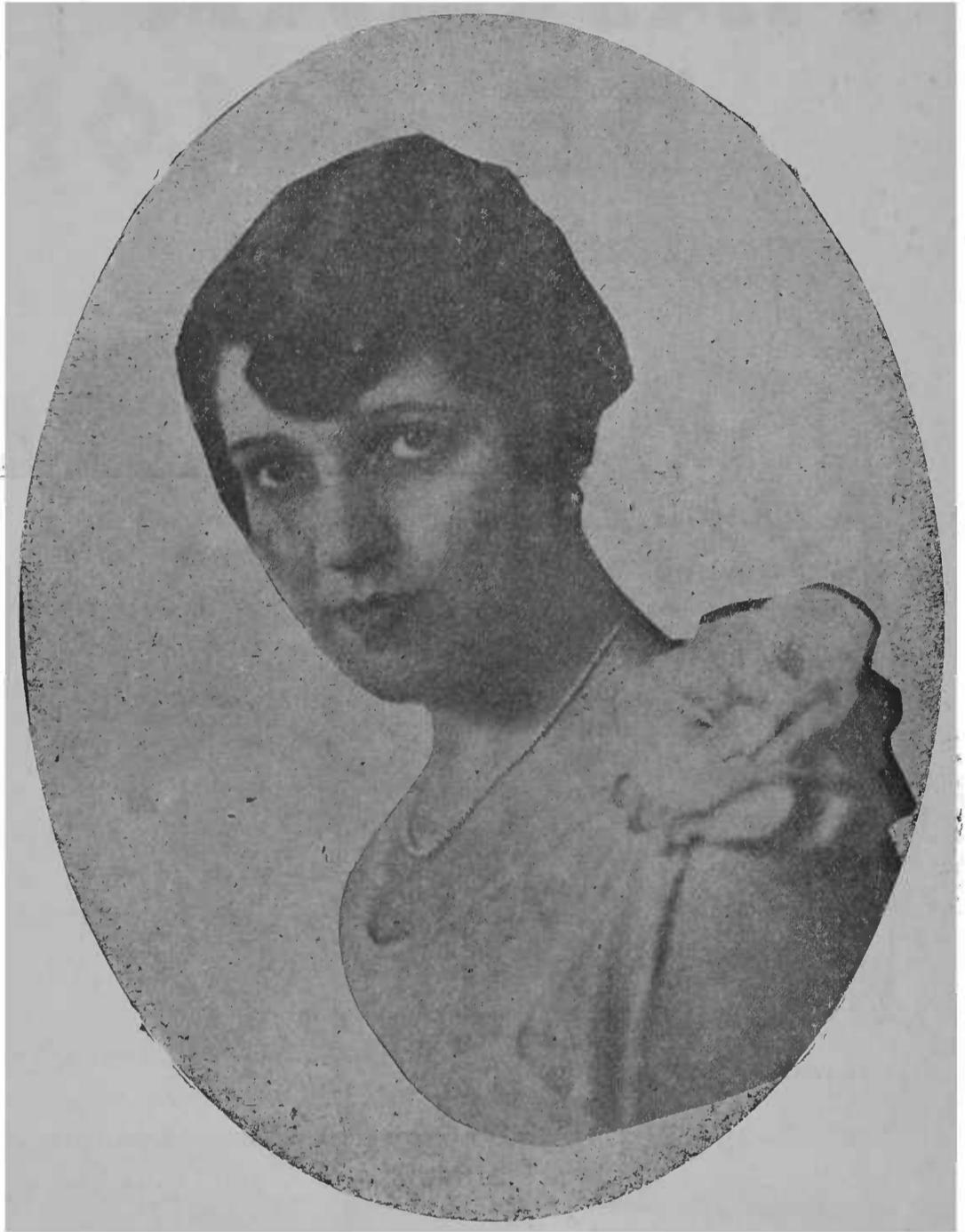
COBARDIA

(Chamava-se Marina. Marina... só.
Sem sobrenome.
Marina, mesmo, talvez fosse inventado.
No mundo, ha creaturas assim: que não encontram siquer quem lhes conte o nome de baptismo...)

Senhor! Tende piedade
dos meus olhos, que estão cheios de pranto!
Fazei com que eu esqueça os olhos della
dentro nos quaes brincava uma alegria
barulhenta,
barulhenta!

Senhor! Tende piedade
das minhas mãos erguidas para vós!
Aquecei-as, Senhor, e que não soffram tanto
a nostalgia do corpo que levastes
para longe de mim!

Senhor! Tende piedade
da minha carne moça que reclama!
Abrandae minha voz! Tenho medo, Senhor,
que ella diga o que pede o meu desejo,
e vos amaldiçoe!

Mauricio Goulart

Sra. Magdalena Waldomiro de Oliveira

O melhor sorriso que esteve no Palacete Teçayndaba

Procurando "Arlequim"...

A Sociedade Paulista, conforme estava noticiado, promoveu um baile no Palacete Teçayndaba, na noite de 24. Linda festa esta, na qual esteve presente o que S. Paulo possue de fino e elegante. "Arlequim", que lá esteve, ficou mesmo maravilhado, tanto rostinho bonito, tanta alegria bôa, tanta distincção viu por lá.

Nenhuma quiz olhar firme para a objectiva de "Arlequim" Por que?

Tres sorrisos innocentes como guaraná...

Tá ahi uma exclamação que "Arlequim" não esperava... Emfim, o sorriso da de lá...

Um grupo de membros da directoria da "Sociedade Paulista"

O dr. Lemos Brito, no Porto. Pessoas que estiveram presentes ao baile offerecido pelo consul do Brasil, naquella cidade, ao casal Lemos Brito.

ANTITESE

(Amôr e Odio)

**Como o Amôr parece dôce,
mas, toda bôca que o prova,
acha-o azêdo,
tarde ou cêdo.
Trêda ilusão.**

**O Odio tem aspecto amargo,
é Satanaz em vida;
larva carnifice que medra,
na escuridão cosmica da vida.**

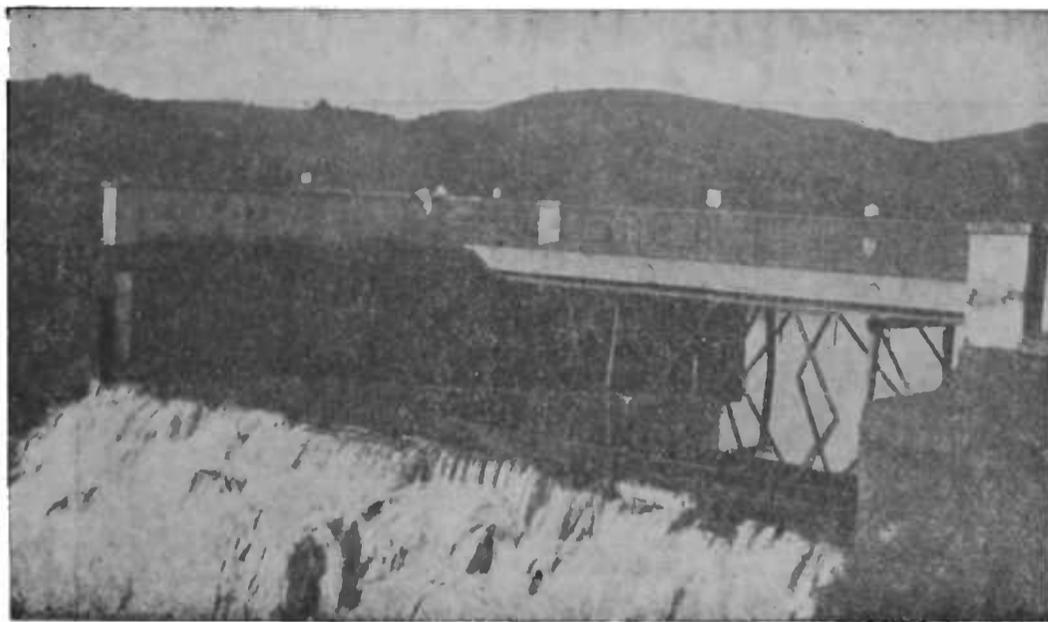
**Amôr e Odio,
antitese que vive em simbiose,
contraste justaposto.**

**Odio é o reverso do Amôr,
como a Alegria o é da Dôr,
e ambos são sazonados frutos,
que enganam a bôca,
que os não provou.**

A. DE SÁ

O carnaval em Baurú. Aspecto do baile carnavalesco promovido pela Sociedade Noroeste, durante os festejos de Momo.

A recepção de Roquette Pinto, illustre director do Museu Nacional, na Academia Brasileira de Letras.

A' direita: o recipiendario, com o seu paranympho dr. Aloysio de Castro.

Lambary. Um aspecto da ponte do Grande Lago.

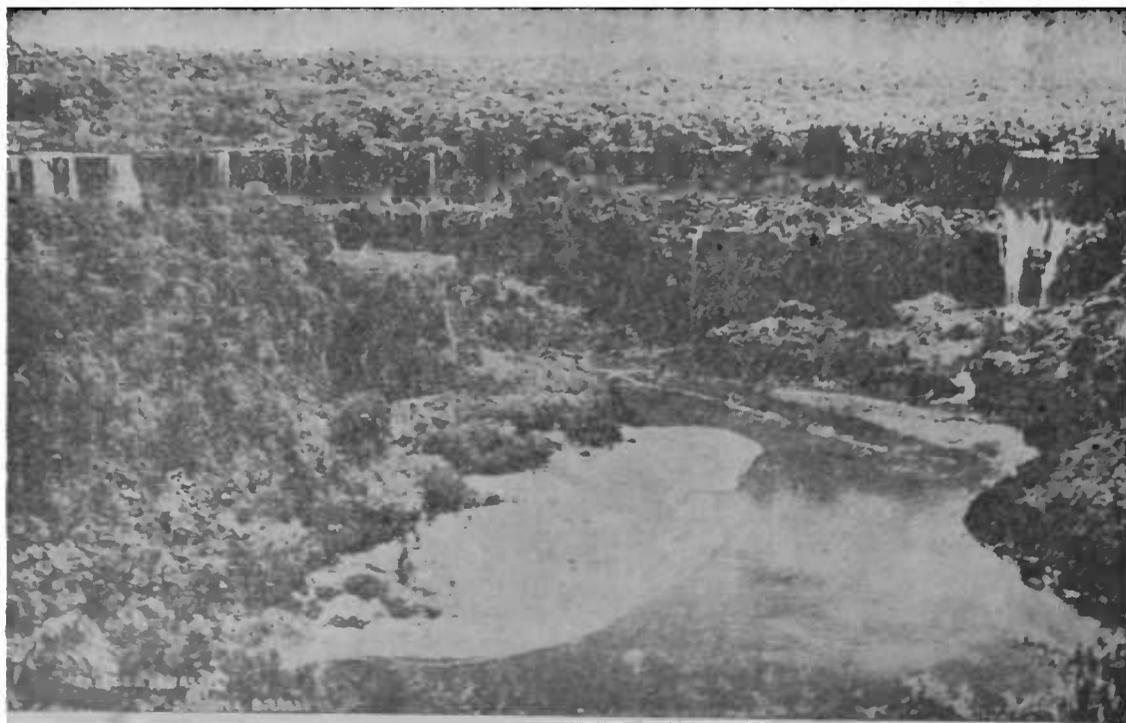
QUANDO EU ERA O PEQUENO POLLEGAR

Minha Mãe, carinhosa,
embalava o meu berço.
E eu chorava!
Eu era pequenino,
um gorducho Pollegar.
Minha Mãe, coitadinha!
cantava, cantava
para não me ouvir chorar.
E eu chorava!
Minha Mãe
me apertava ao seio devagar...
E então
eu me punha a sorrir,

ou fingia dormir
só para escutar
sua terna canção.
E quando Ella, com receio
de me acordar,
emmudecia aquella voz tão doce!
aquella voz tão calma!
fingindo dormir no seu seio,
eu ficava escutando sua alma...

— Porque as mães têm na alma
algum anjo a cantar!

B L A S C O S O L E R

O magestoso Salto do Iguassú.

PENSANDO

Mocidade inutil.
Plena primavera.
Primavera de neve.

Dentro da memoria
Canta a recordação:

"Senhora dona Sanja
Coberta de ouro e prata.

Tão bom...
Que saudade da innocencia!

Um velocipede
Uma espingarda
Um cavallinho de pau
E uma farda.

Depois,

15 annos!

Quase moço.

A liberdade sonhada!

Uma bicycleta,
uma chave da porta
e uma namorada.

Tão longe.

Dentro da memoria
Canta a recordação:

"Descubra o seu rosto
Quero ver o seu retrato.

Senhora dona Sanja. .
Dona Realidade.

Mãos de sonho,
Mãos de phantasia,
Illusões.

Deixe o seu rosto coberto,
Não quero ver o seu retrato!

DE LIMA NETTO

SEM TITULO

Outróra, eu carregava uma porção de sonhos
— e a estrada era tão linda, e os dias tão risonhos,
e a carga immensa que eu levava, era tão leve...

Depois, eu fui vivendo e fui deixando os sonhos.

Agora, eu continúo a andar o meu caminho
— e elle tem tanta neve,
e elle tem tanto espinho.
Meu corpo está curvado, a postura cansada,
de tão curvo e cansado, eu pareço um velhinho,
e, no entanto, hoje em dia, eu não carrego nada...

A. AYRES

O automovel não é apenas servo da velocidade motorisada. Elle tambem é escravo obediente da vaidade feminina. Neste Studebaker rebrilhante, Lucerito del Plata aproveita o espelho de retrovisão para avivar o "rouge" dos seus labios polpudos. Ou, então, aperta o volante com suas mãos nervosas. Está agora em Buenos Aires, de onde virá breve com uma troupe de 16 guêrlas. Com ella, 17...

Guenola Lacouture, sobre ser franceza é bretã. Traz-nos agora para este São Paulo que se civiliza ás pressas os rythmos extranhos e subtis da sua armorica mysteriosa. No elance dos seus gestos envoltos em sabias drapagens, revive um trecho da Hellade antiga. E' a natureza que vive e vibra atravez de um temperamento, na phrase explendida de Zola, mas com o cunho de uma individualidade que se affirma.

i n s t a n t a n e o s

"Quem dá, dá; quem não dá, não tem nada que dá.
Quem dá, dá; quem não dá, não tem nada que dá!"

O sino estava alegre! O que teria o sino?
— Estavam baptizando um poeta na igreja...
Disse o cura em latim muita cousa ao menino
E o rouco sacristão murmurou "assim seja".

. . . .

E o cipó ensinou-lhe a subir lá na altura
A procura da luz, atravez da ramagem!
E a cantar a floresta e a natura selvagem
Com Eolo aprendeu da maneira mais pura!
Cantou o samba que samba no pé da mucamba
De bambo bambolear ao bum-bum da zabumba!
E a Mãe-Terra que pulsa em silencio no samba
Ao bum-bum, que-ti-bum do trovão que retumba!

. . . .

Foi bem certo o que o sino cantou com clareza
Nesse dia de sol na effusão da alegria!
— Haviam baptizado o poeta-natureza
E o barbaro cantor da selvagem poesia!

Effe-de-Que.

os actualistas

O actualismo vem dando grande impulso ás letras universaes. E' o vehiculo literario capaz de levar um pouco de luz ao entendimento dos que, sentindo embora o passadismo impotente para apprehender e interpretar a grande hora de desaggregamento que começou a sôar depois da Grande Guerra, não têm coragem nem capacidade de estudar os futuristas, para delles colher apenas a belleza, alheiando exorbitancias, abstrahindo exaggeros.

O actualismo, que é um producto de cultura, de inquietação e de insaciedade, é uma literatura de concordia entre gladiadores na apparencia irreconciliaveis. Os actualistas não advogam a cizania: conquistam adeptos em numero consideravel e acceitam fraternalmente passadistas e futuristas, com a só condição de modificar-lhes apenas um pouquinho o feitio.

O actualismo nasceu depois de homem feito. Elle surdiu tambem daquella tragedia das nações, como surdiram della todas essas innumeras modificações que vem soffrendo a vida humana, do armisticio para cá. Elle se caracterisa por uma renovação motu-perpetua, e nos chegou desapegado de preconceitos, afincado, ao contrario, a todos os liberalismos. A' soffreguidão moderna lhe offereceu honesto conducto o actualismo, porque com elle não se sabe mais agora cerzir a um modelo um pensamento. Que o pensamento seja expresso, tanto basta — deste modo ou daquelle, na prosa ou no verso. Ha nos actualistas um não sei quê de exacto e de presente, capaz de ser entendido pelas turbas e pela gente culta, seja mediante versos infernaes, mas rhythmicos (os espasmos da Hora), seja com a prosa que, sem ambages, não se teme da sua apparente fragilidade, porque é com essa mesma prosa que se torna em diamante a pedra bruta, soltando a lingua em blasphemias arrepiantes ou tangendo versos peregrinos em frautas novas abrasadas

Dizem-na acre, a parlanda dos actualistas. Vêem-na pejada de profanidades, galhofeira de cânones, ébria, pagan, maldita dos homens e da natureza.

Não é verdade. Mas, quanto a mim, não se me dá que o actualismo fique ou não preservado da traição e da calumnia dos genios descontentes, dos que, além do mais, se fazem guerra a si mesmos, esquecidos de que o actualismo é protector dos seus proprios detractores.

Ah! soubessem elles, assim como assim, da infinita differença que vae entre os actualistas e os seus contemporaneos chamados modernistas! Para o actualismo, modernismo é coisa que lhe differe tanto quanto passadismo e futurismo! E' certo que o actualismo nelles se atempera, accrescentando-lhes rhythmo, o que está longe, entretanto, de ser uma dependencia, senão uma linda maneira actual de autonomia.

Tirante as sobras do futurismo, estamos com elle; completado o que falta aos passadistas — que os modernistas não souberam encontrar e que a actualidade reclama — eis-nos tambem com os passadistas, collocando mal ou bem nossos pronomes, talvez clarinando solecismos, adoptando ou não estrangeirismos, mas falando brasileiro, sonhando em brasileiro, escrevendo em brasileiro. E é certo que poderiamos até, se elles pedissem e se elles quizessem provas, escrever prosa classica e versos rimados e medidos. (O sr. Manoel tem de entrar para o trabalho ás sete em ponto. nunca ás sete e dois).

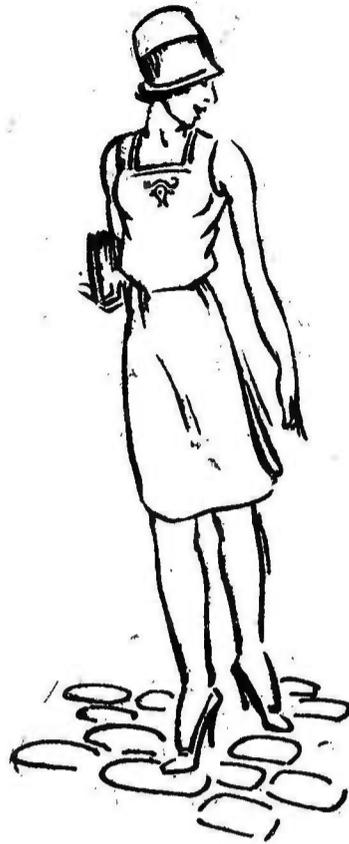
Conchavemos, amigos passadistas! Conchavemos, amigos futuristas! O tempo vae amainar. Está passando o furor da tempestade. Escutem: quero dizer-lhes um segredo: Pois não é que vieram de chofre os actualistas? Trouxeram-n-os o armisticio e a tregua bellica do grotesco tratado de Versalhes. Em seu bojo, a inquietação da hora gritava os gritos mais vermelhos que ainda escutaram homem, terra, céu e mar.

Outro segredo: Isso quer dizer que, encerrando um cyclo talvez de vinte annos isso que escrevemos agora e o que se escreve do armisticio para cá, a literatura dos actualistas virá a ser então um monumento do passado, porque a vida, accelerada como vae, imporá ainda maior liberdade aos escriptores. Caberá então a victoria aos neo-futuristas, que vão surgir daqui a pouco, os quaes se expandirão durante um tempo bem menor ainda — durante, digamos, uma decada, que será uma orgia e um delirio luminosos.

Serão elles, a esse tempo, "actualistas": — o neo-futurismo não terá mais razão de ser. (Guardem bem esses segredos).

Por agora, velas estendidas! e avante! Avante, meus irmãos! Motores a oleo, submarinos, hydroaviões, zepelins, "fac-similes" de mensagens pela radiographia — e muitos, muitos aviões de paz e de guerra!

Galvão Cerquinho

AGRA DANDO

"Agradar" é um verbo doce
Gostoso de conjugar!..
— Se agradado sempre eu fosse...
Até nem é bom fallar!

O agrado a que me refiro
Muita maneira requer:
— E' ás vezes um suspiro
Que vem d'alma da mulher...

Um gesto... Um furtivo aceno...
Um certo modo de olhar,
Sem malicia e sem veneno,
Todo feito de agradar!

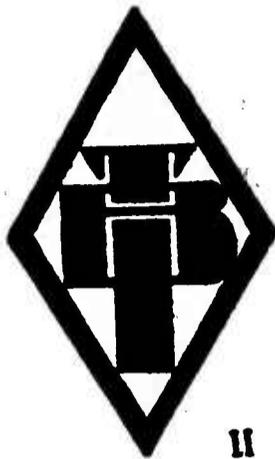
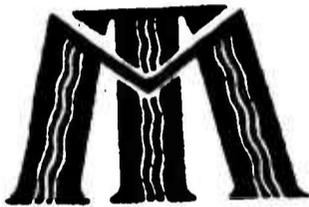
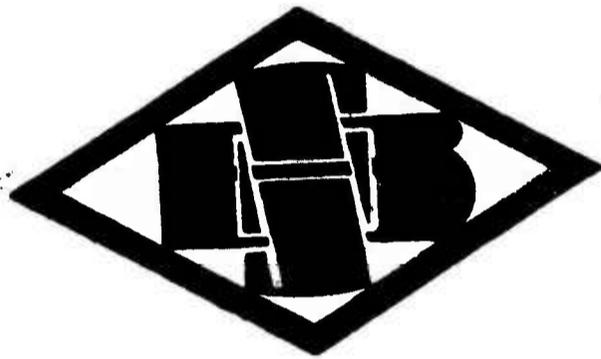
E' o carinho-galanteio,
Mais doce do que bom-bom...
De ternura é todo cheio
Ternura em forma de som!
Agradar é dar presente,
Seja o presente que fôr!
Quem é que não fica contente
Quando recebe uma flôr?
Caricia melhor na vida
— Agrado de amor — eu vejo
Que pode ser resumida
Inteiramente num beijo...

Outras vezes é um sorriso
Que mal na bocca se vê,
E a gente fica sem juizo
Sem saber como e porque.

O agrado — leve caricia,
Meiguice doce da mão —
Encerra toda a delicia,
Delicia do coração!

Ou então, num téfe-téfe,
Elle começa a pular
Quando recebe um tabefe
Que não chega a machucar...

Mimo de dedos macios
Descrever nem sei até!
Que dos cabellos nos fios
Passeiam num "cafuné"

Agrado — voz em surdina —
Quanto é bom agrado assim!
— "Como você me fascina!
Falla que gosta de mim!..."

DR. FELIX

Villin, francez que se fez brasileiro, quiz nesta pagina reunir alguns monogrammas dos nossos collaboradores. Fel-o inspirado nas melhores tendencias da arte moderna, que são a simplificação das linhas e a sua estylisação em forma geometrica simples.

Fez um bello trabalho, o Villin. Não imaginou, porém, a quanto se arriscou. Estamos aqui, estamos a ver os pedidos que receberá de toda a parte e de toda a gente para fazer monogrammas "e que sejam bem modernos, bem extravagantes..."

I Vicente Ancona. II Theophilo Barbosa. III Ricardo Figueiredo. IV Murillo Torres. V Silveira Bueno. VI Leo Vaz. VII Alba de Mello. VIII Raul Bopp. IX Amadeu Amaral.

Leontina Kneese, a festejada contralto patricia é quem, na noite de 20 de abril proximo, no Theatro Municipal, interpretará as canções brasileiras de Marcello Tupynambá. A voz de Leontina Kneese é, como os seus olhos tristes e o seu sorriso bom, qualquer cousa que encanta e que prende quem d'ella se approxima. Leontina Kneese é bem a companheira necessaria ao genio barbaro de Marcello Tupynambá, esse musicador da alma brasileira que se despede do publico paulista, naquella noite, num festival que "Arlequim" patrocina.

Por certo São Paulo inteiro irá levar o seu adeus e o seu applauso ao magico compositor patricio.

Marcello Tupynambá não é um nome cerceado ás fronteiras do Brasil. Em todas as grandes capitaes do mundo, Marcello é, hoje, um nome consagrado. E "Arlequim" envaidece-se ao patrocinar festa de tão alto significado.

O "Centro dos Motoristas de S. Paulo" quizeram tambem auxiliar as victimas do desabamento do Monte Serrate. Organisou, então, um bando precatorio, cuja photographia damos ao lado.

NA CASINHA VERDE

Zelia, dá-me um beijo.
Um só... um apenas.
O que ha de mais no beijo que te peço? Não tira nada de ti...
Não dóe... não mancha...
Não estiveste ha pouco a beijar o teu priminho? E' o mesmo beijo que eu quero. Dá-m'o...
Divide commigo esse outro beijo que lhe vaes dar agora..
Anda — está aqui a minha bocca...
Não pronunciarei palavra para que os meus labios não mexam, para não sentires, nelles, sabor differente... para que não haja mal em beijares...
Vem... Si tens medo dos meus labios, dou-te o meu rosto... aqui... aqui...
Zelia, Zelia querida, dá-me o que te peço. E' tão simples.
E' questão de um passo — um pequeno movimento teu..

Ella sorria. Beijava, na pequenina bocca, a creança que lhe estava ao collo.

Vê, não ha nenhum mal no que te imploro. Juro que jamais pensaria em beijos se não fosse o teu primo; o prazer que o vi sentir, do contacto de tua bocca...
Quero ser feliz tambem... Tira a tristeza de minha alma...
Estou louco por um beijo teu!

Ella sorria menos. Olhava á restea de luz, que se infiltrara pelo gradil da varanda, e acariciava, com os dedos finos, o rostinho macio da creança.

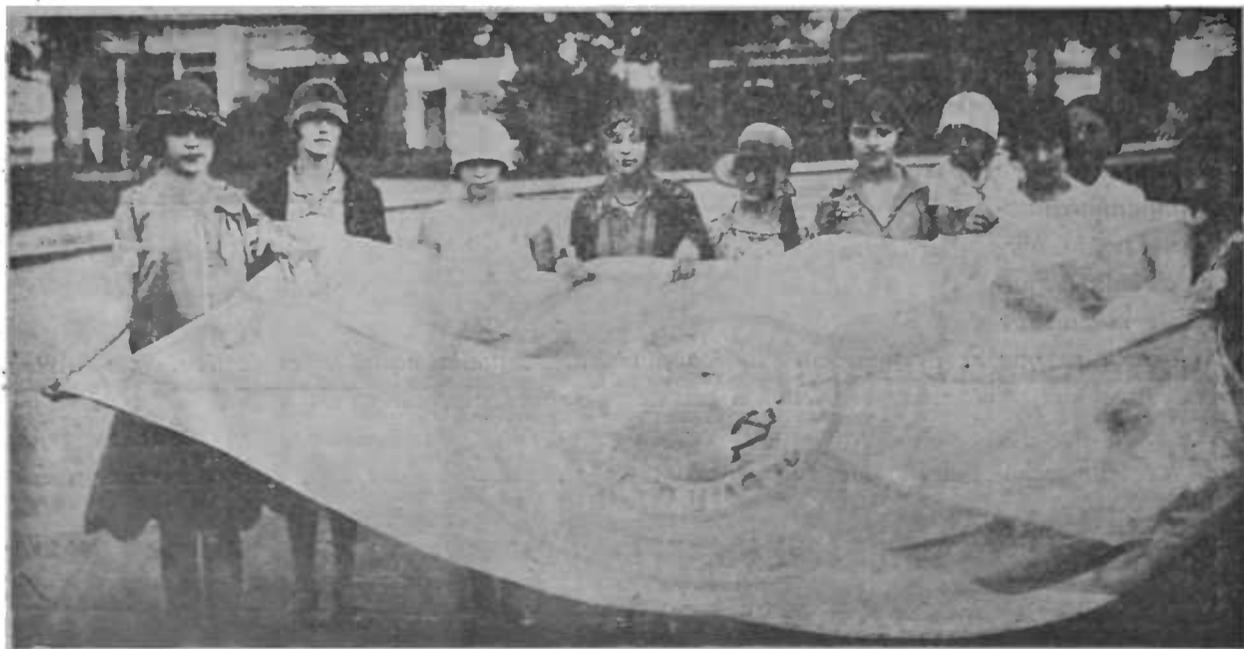
Se te pedisse, Zelia, que me quizesses, que me desses o teu coração, que repartisses commigo a felicidade que a tua juventude offerece, eu queria alguma cousa que te podia amedrontar...
O que te peço é uma perola no oceano, uma estrella no céo... uma lagrima de ouro nos areaes do Sahara...
Um beijo só...
Dá-m'o...

Ella não sorria. Estava immovel, com o peito da creança apertado ao seu peito.

Um suspiro...
Um sopro de vento forte e um sussurro de folhas davam a impressão de um incomprehensivel cochicho do jardim.
Fugi. Sahi pisando o espaço para não acordal-os...
Pisando o espaço...

Fóra, á porta da casinha verde, voltei os olhos para os seus cabellos molhados.
Começava a arrepender-me de os ter beijado tanto!

BRAZ GLETTE.

Outro grupo dos que andaram percorrendo S. Paulo a angariar donativos para as victimas de Santos.

Norka Rouskaya, que tem encantado São Paulo com a sua arte maravilhosa

ELEGANCIAS FEMININAS

Surprehendi-me, agora, a murmurar baixinho:

Les sanglots longs
Des violons
De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone.

Verlaine... Noite e chuva lá fóra. Silencio e meia luz de abat-jour cá dentro.

Tout suffocant
Et blême, quand
Sonne l'heure
Je me souviens
Des jours anciens
Et je pleure.

Esse enternecimento sentimental, que me fez dizer, baixinho, versos de Verlaine e ouvir o rumor apagado da chuva no jardim, nasceu desta revista que tenho aberta deante dos olhos.

O enternecimento sentimental não veio de nada que alli está escripto, veio de uma photographia que mostra uma mulher moça, vestida de noiva...

Vestido de noiva...

Minhas memorias se debruçam, attentas, para esse poço sem fundo do passado, que é, para Bataille, "o segundo coração a bater dentro de nós"

Não ha mulher nenhuma neste mundo que não tenha collocado, na juventude, mais alto que o seu mais alto sonho, o sonho de sua figura vestida de noiva.

Elle enche a sua vida, é o seu encanto, o seu inferno, e o seu paraiso. No internato, no lar, nas festas, nas ruas, elle é a idéa fixa enternecida de toda a adolescente, é para ella o que a visão da Terra Promettida era para as multidões israelitas que seguiam os passos de Moysés.

No fundo das fabricas e dos ateliers, toda a menina, no desconforto de sua pobreza, na angustia do seu amanhã incerto, sonha com o seu branco vestido de noiva que será o "Abre-te Sesamo" do mundo encantado entrevisto por ella atravez dos pequeninos romances ingenuos que leu.

Nas regiões da fortuna, a filha do "parvenu" e a menina de raça irmanam-se no mesmo sonho commovido: um vestido de noiva, um "alguem" qualquer, que seja a somma dos typos ideaes que os romances da **Bibliotheque de ma fille** e o cinema puzeram a andar nos seus pequeninos cerebros ainda tontos deante do mundo infinito e desconhecido da Vida.

Meu amigo mau acaba de chegar. Veio despedir-se. Vae curar saudades do mar na velha cidade de Itanhaem.

O unico vestido que se occupa uma só vez na vida... Com quanto carinho devemos cuidar delle!

A convenção o exige, o vestido de noiva será sempre branco, desse lindo branco prateado, reavalisa com o setim; o lamé tambem é usado, mas, detalhes de uma toilette de noiva variam conforme a personalidade. O velludo, leve, muito souple, rivalisa com o setim; o lamé tambem é usado, mas na minha opinião, não se harmonisa com a simplicidade requerida nesse dia. Entretanto, si fôr elle o tecido escolhido, que o seu brilho seja attenuado pela abundancia de tulle do véo.

As gollas altas foram abolidas, o de colleté pode ser em ponta ou redonda, em compensação, as mangas mantêm-se justas e compridas.

Caudas immensas, reconquistaram grande voga.

Tornou-se quasi banal o uso do collar de perolas no dia do casamento; o mais chic porém é suspender-se a um fio de platina uma rica joia de familia.

E' moda não se usar o annel de noivado no dia do casamento; a mão que vae receber o annel nupcial, deve ser virgem de qualquer ornamento.

As luvas neste dia são classicas e serão de preferencia de camurça branca.

Creio que será com justo orgulho que admirareis a linda photo de nossa patricia Mlle. Souza Dantas, cujo casamento realisou-se ha pouco em Paris.

Não sabemos o que mais admirar: si o seu perfil, ou o seu modo original de prender o véo. O bouquet de noiva é obrigatorio. Volumoso ou feito com poucas flores, elle existe. Poesia ainda aqui! Quando as noivas apparecem assim floridas, seus passos lentos, seus rostos pallidos pela commoção, tudo nellas dá uma impressão de symbolo, bem mais que de realidade...

MARILÚ

Eu lhe conto o meu enternecimento sentimental e lhe digo uma porção de cousas commovidas sobre o vestido de noiva.

Elle sorri. Accende o cigarro, olha o copo de whisky que, carinhosamente, eu puz em sua frente e sorrindo me diz:

— Eu concordo com v., minha amiga, e vou mais além: é de tal fórma absorvente, nas mulheres, o sonho do vestido de noiva, que ellas se casam exclusivamente para poder vestil-o e para ouvir dos labios de suas amiguinhas a velha phrase banal de todos os casamentos: Como v. fica linda vestida de noiva...

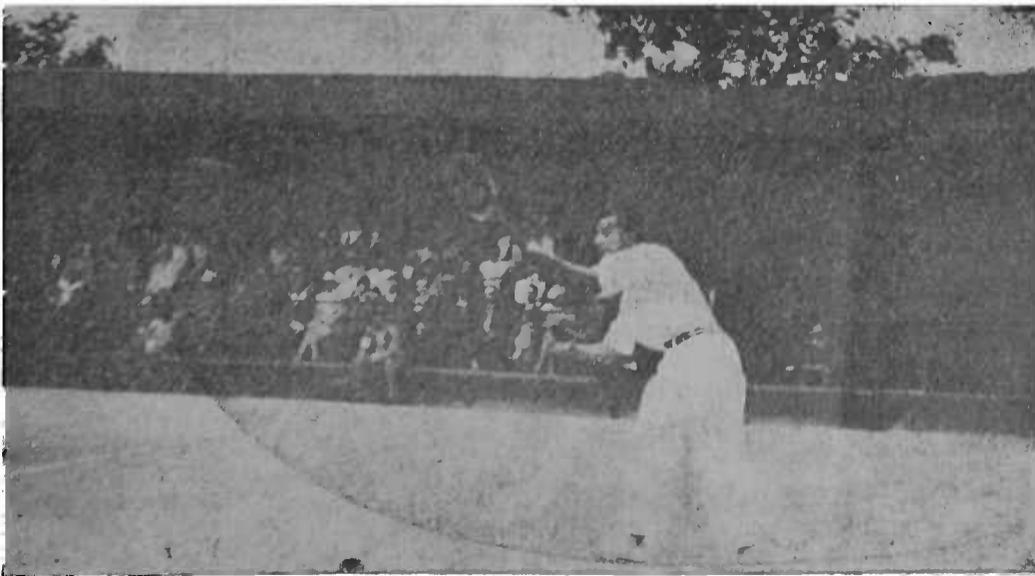
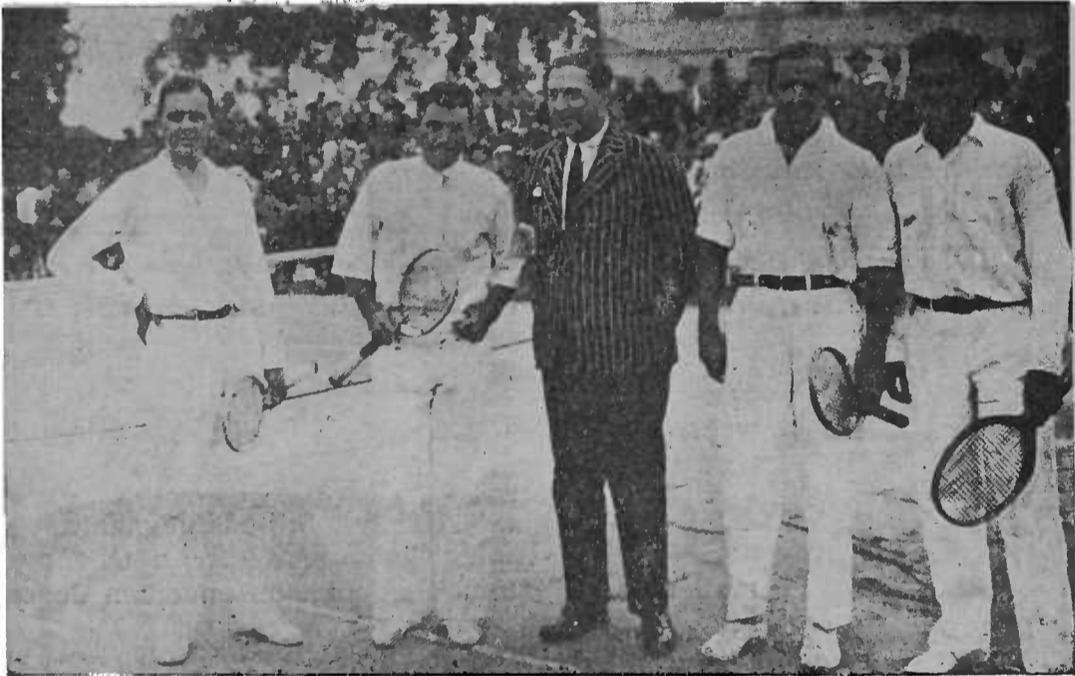
Vestido de noiva.

"White Fang" do seculo XX, nesta Paulicéa que a força quer fingir de moderna, "Beliz von der Serra" (que em casa se chama "Bubi"), foi um dos premiados na exposição canina de 18 de março.

Premiado, e com primeiro lugar, si fazem favor. Não fosse elle da raça "Deutsch schafferhound" e não pertencesse a este esportista zeloso que se chama Orlando Meira (bacharel formado, como toda gente).

O TORNEIO DOS CAMPEÕES

No campo do Paulistano. Um instantaneo — A assistencia era toda assim. Só môça bonita!

Os campeões: Ricardo Pernambuco, campeão brasileiro; Manoel Alonso, campeão hespanhol; J. B. Cunha Bueno, campeão dos juizes; Martin Plaa, campeão francez, e Nelson Cruz, campeão paulista.

Uma sensacional rebatida de Alonso, que sahiu victorioso de todas as partidas de simples que disputou.

Dr. DELLAPE

Attesto que a Loção Brilhante, graças aos elementos componentes de sua formula, é um verdadeiro especifico para as affecções do couro cabelludo. Tenho-a receitado nos casos rebeldes de eczemas e affecções do couro cabelludo, barba e sobrancelhas, contando já com não pequeno numero de curas. Reputo, pois, a "Loção Brilhante" um excellente medicamento para as molestias do couro cabelludo. Eu proprio tenho feito uso da referida Loção contra as caspas e quéda do cabello com resultados surprehendentes.

Dr. BENJAMIN REIS

Attesta ser a Loção Brilhante um optimo preparado, não só contra a caspa, mas tambem como reconstituinte para os cabellos, tendo dado bons resultados a todas as pessoas a quem tenho aconselhado usar.

Dr. RUBIÃO MEIRA

Attesta que a Loção Brilhante é um preparado que merece confiança pela sua manipulação, preenchendo os fins a que se destina.

Dr. LUIZ MIGLIANO

Attesto que a Loção Brilhante possue na sua composição substancias que evitam a quéda do cabello.

A Prova Insophismavel

Temos o prazer de dar publicidade a algumas provas do grande valor medicamentoso da famosa LOÇÃO BRILHANTE. São ellas firmadas por scientistas que honram a medicina mundial.

A LOÇÃO BRILHANTE é, incontestavelmente, o melhor especifico tonico-capillar para combater a Quéda dos Cabellos, Seborréa, Caspas e todas as affecções do couro cabelludo.

Dr. LUIZ VAZ

O abaixo assignado, doutor em medicina e pharmaceutico, pelo que tem observado, considera "a Loção" medicamentosa Brilhante, como dotada de magnificas propriedades para combater a quéda do cabello e extinguir promptamente a caspa.

Dr. CASSIO MOTTA

A Loção Brilhante, formula do Dr. Ground, é dos preparados deste genero que melhores resultados tem produzido, razão pela qual, aconselho-a sempre em minha clinica e passo este attestado sem o minimo constrangimento.

FORMULA DO GRANDE BOTANICO DR. GROUND, CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE RÉIS

Grandes Laboratorios Alvim & Freitas
Rua do Carmo, 11 — S. Paulo

GRATIS!

Enviaremos pelo Correio a todos que nos mandarem o Coupon abaixo, o folheto illustrado intitulado "O NOVO TRATAMENTO DO CABELLO"

Snrs. Alvim & Freitas
Caixa, 1379 — S. Paulo

Peço-lhes enviarem-me o folheto illustrado "O NOVO TRATAMENTO DO CABELLO"

NOME: ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

PUBL.
ALVIM & FREITAS

CINERAMA

Eu sempre fui um ser igual aos outros!

Na meninice colleccionei sellos e palmadas — na juventude amores e wiskeys — agora... livros e amigos!

Tenho amigos de todos os tamanhos, de todas as idades, côres e credos. E só duas cousas lhes peço: intelligencia e bom humor. Nem amizade, nem nome, nem cultura, apenas uma intelligencia capaz de ver e relacionar as cousas e um humor que nos permitta a convivencia sem lamurias pessimistas e discussões desagradaveis. Nessa escala variada de typos bizarros, que vae do artista francez ao padeiro alemtejano, do gymnasta sadio ao ébrio deprimido, tambem ha mathematicos!

Homens estranhos que vêem alma nos numeros, que estudam a raiz dos affectos e o logarithimo das paixões.

Com um delles, certa noite, falava do beijo no cinema. Da ingenuidade com que o norte-americano fez de um contacto de labios a recompensa suprema dos esforços humanos. Si Charles Ray ganhou, no ultimo segundo, um match importante para a sua Universidade, o americano põe, nas archibancadas, uma boquinha bem feita. O mais póde faltar, até as archibancadas, a boquinha estará lá, orgulhosa e conscia da sua alta funcção.

E Charles Ray a beijará e... ficará contente!

Adolphe Menjou é, com sinceridade, um senhor que merece minha consideração por seus habitos morigerados, pela delicadeza do seu sorriso ironico, pela serenidade com que encara a vida.

Pois Adolphe Menjou, o sceptico, o elegante, o impeccavel, é grande guloso de beijos. Elle verá, com calma, no meio de um deserto quebrar-se a ultima garrafa dagua, no meio do film pode fugir-lhe a namorada. Adolphe Menjou não lhe dará mais que uma lagrima modesta. Approxime-se, entretanto, o ultimo acto e é de pasmar as loucuras do galã para obter o beijo recompensa.

Ha, dizia eu, artistas que entram em scena simplesmente para o beijo final. Apparecem nos outros actos porque é preciso que o publico se relacione com ellas e não lhes estranhe a physionomia no momento da solennidade. As "herdeiras de fazendas", por exemplo, nos films de cow-boy. Porque é que o cynico as rouba e leva para o campo? Pensa você que isso lhe causa algum prazer? O meu mathematico ficou mudo, em attitude de reflexão. Eu continuei: si pensa, está enganado. A mulher honesta é um trambolho... para o rufião. Apenas é necessario que a garota presencie a lucta do heroe pois o beijo é a paga e o rapaz depois de tanto socco bem merece que se lhe poupe a caminhada até a casa da pequena — proprietaria dos labios. E não creia você, meu amigo, que esse beijo seja o prefacio de um livro que não é escripto por discreção. Esse beijo é tudo, depois delle o mais fraternal dos shake-hands. Todos os accidentes do film enscenam esse ultimo quadro. O americano é moralista e com tal tem os seus pontos de vista originaes. Esse beijo é uma medalha, é um hurrah, é um symbolo, é qualquer cousa que não é o que é. Uma especie de corôa de louros, de perna calçada, de suffragio universal. Esse beijo é uma cerimonia religiosa, a antithese do outro.

O meu mathematico, abstracto, perguntou: — Você disse perna calçada? — Sim! — E por que? — Porque a perna calçada tambem é uma cousa que não é o que é. A perna calçada é uma personagem distincta da perna despida. Eu diria mesmo inimiga antithetica, opposta. — Espera. E o nariz brilhante de eurekas subtis, meu amigo escreveu num pedacinho de papel — em commentario ao que eu dissera,

O beijo no cinema: o beijo na vida:: uma perna calçada: uma perna sem meias.

Eu só ajuntaria: de seda.

PEDRO HORTIZ

CINEMA NACIONAL

O deslumbramento que experimentou o sr. Felicio Trancoso, lendo um "Manual de cozinha", experimentei, eu, travando relações com a cinematographia brasileira.

Um universo ignorado e maravilhoso se apresentou aos meus olhos ingenuos de touriste curioso. Descobri artistas nativos cheios do fogo sagrado da abnegação e da arte... que o publico desconhece. Empresarios ousados que jogam a fortuna e a fama contra as difficuldades do meio ambiente. Destes cumpre destacar o sr. J. Capellaro que faz grandes cousas e tambem faz cousas grandes. Por exemplo o "Guarany"!

Ultimamente o sr. Capellaro pensou em filmar a "Marqueza de Santos" do... dr. Paulo Setubal. Domitila, a deliciosa Domitila do sr. d. Pedro, que virou a cabeça de toda uma côrte, virou tambem a do sr. Capellaro. Elle sonha Domitilas filmadas, Domitilas por se filmarem. Não come, não dorme — está domitilomaniaco. A marqueza fez do sr. Capellaro um satellite do dr. Paulo Setubal. Isto porque o dr. Setubal não consente que se filme a "sua" marqueza. Elle a adora, tem por ella carinhos e cuidados e teme que a desrespeitem na montagem do film. O sr. Capellaro garante o successo; o dr. Setubal duvida. E o film não sae, com prejuizo da cinematographia brasileira.

Não se comprehende a veneração do dr. Paulo Setubal por aquella de quem d. Pedro foi sincero admirador. O sr. Capellaro acabará por vencer. O proprio principe não teria tantos escrupulos. E' verdade que o dr. Setubal é pae da "Marqueza de Santos", posição algo diversa da do real filho de d. João VI.

ELEGANCIAS MASCULINAS

Illustrações de Reis Junior

Uma das questões que dominam a indumentaria moderna é saber qual o typo de paletó mais elegante: si o jaquetão ou si o paletó sacco.

A generalidade prefere o paletó sacco. E tem razão. E' um modelo de casaco cujas linhas simples e faceis se accomodam com um talhe mais descuidado ou com um corpo menos esbelto. Nelle o problema da gola — a alma da roupa — está reduzido ao estricto minimo. Os gordos, principalmente, encontram assim, meios de apparentar figura acceitavel. E, tambem, qualquer tecido — fino ou grosso, claro ou escuro — presta-se bem para o paletó sacco, que se pode considerar, realmente, o typo proprio para "Monsieur tout le monde".

Com o jaquetão o caso muda de figura. Nelle a questão do talhe torna-se dominante, absoluta quasi. A linha da gola, desenvolvida desde a nuca até a parte extrema inferior, precisa ser impeccavel. O traspasso exige cuidadosissimo estudo, relacionando-se estreitamente com a posição dos bolsos. A quantidade e a collocação dos botões, subordinadas a uma rigorosa symetria de effeito, podem constituir, por si só, a differença entre o successo e um desastre. E a accusação da cintura, realçada pela convergencia das bandas da gola, deve constituir motivo de preoccupação.

Deixando para noutra chronica estudar os defeitos e vantagens dos typos de seis botões (tres de cada lado) e de quatro botões, queremos, agora, accentuar no jaquetão um erro de córte tão frequente quanto facil de evitar.

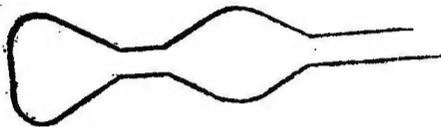
Este erro está na direcção da linha que vae do botão inferior da direita até a ourela do casaco. A pratica geral está em fazel-a exactamente vertical, quando, no uso, a tendencia natural é que esta linha tende a fugir para a esquerda, ficando obliqua e destruindo, assim, o tom geral de correcção da roupa. Ha casos, mesmo, em que essa obliquidade é tão grande que quasi destróe a apparencia do traspasso. Veja-se, por exemplo, o desenho A.

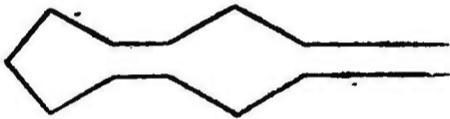
Como corrigir essa tendencia? Muito simplesmente: basta que a tal linha seja cortada um pouco em obliqua para a direita, de modo que no uso, sendo repuxada para a esquerda, torna-se de facto vertical, contribuindo decisivamente para a elegancia real do traje. Mostramol-o no desenho B.

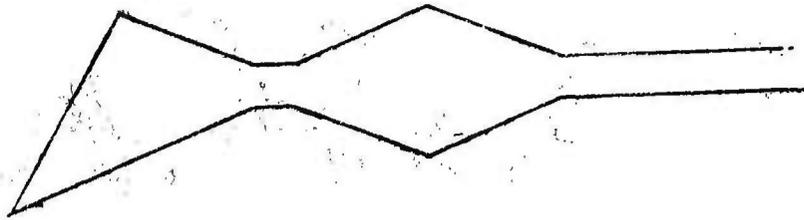
DESENHO A

DESENHO B

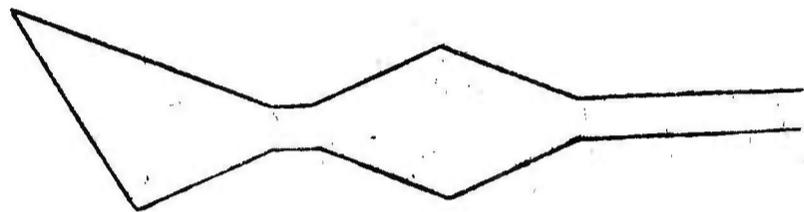
Agora, para sahir um pouco desta questão de vertical e obliquas, tratemos de assumpto mais ameno. Falemos das gravatas.

Da gravata comprida, á regata, pouco ha a dizer quanto á forma, embora caibam, relativamente ao talhe, algumas notas e observações que virão depois. Da typo borboleta, a gravata dos moços e, tambem, a gravata dos trajes cerimoniosos, — o casaco e o smocking — damos aqui alguns modelos interessantes.

DEZENHO X

Um delles, o do desenho X, é a de feitio "guitarra", com cintura muito accusada e largas bandas cortadas em curvas symetricas. Nella o nó deve ser dado bem apertado e as azas, em vez de arranjadas certas, duas a duas, precisam ser largadas um pouco á tôa para produzir o effeito que os francezes chamam, pittorescamente, de "moinho de ven-

DESENHO Y

to". Ha quem as use encolhidas debaixo das abas do collarinho, as quaes, entre parenthesis, devem ser bem quebradas e largas; ha quem as puxe pára fóra do pescoço; ha quem as torça com geito tal que uma das

bandas cobre a parte da camisa que fica logo debaixo do botão do collarinho.

Outro typo, menos conhecido que a guitarra, é uma estylisação della, em rectas e angulos. Deve ser atada com alguma symetria, convindo que fique um pouco armada e que cubra um tanto as pontas do collarinho. E' a que se vê no desenho Y. Podemos chamal-a de "angulada".

DESENHO Z

Para terminar mostramos uma fantasia um pouco arriscada. E' quasi cubista, merecendo o nome de "jazz". Suas pontas, talhadas em angulos agudos, que no laço se desencontram, são nitidamente asymetricas. Pode, portanto, ficar atada certa, pois o proprio córte já traz o effeito da opposição. Vemol-a no desenho Z.

Um conselho final. Estas gravatas borboletas devem ser sempre escuras, de panno liso ou quasi liso, pois que a forma dellas já contém sufficiente fantasia. E só podem ser usadas elegantemente com collarinho simples, de largas pontas, francamente quebradas.

MA
HI
TE'

CIRCO DE CAVALINHOS

Uns homens vindos de longe,
saltimbancos
de feições curiosas,
armaram um circo de lona,
um circo enorme e branco,
á ourela da villa silenciosa.

E no dia seguinte
um palhaço pintado com requinte,
vestindo côres fortes e atrevidas
e todo riscado de listas compridas,
passou bracejando
montado de costas no lombo roliço
de um lindo tordilho.

E se foi pelas ruas ruidoso gritando
e gargalhava grandes risos
agitando no ar um pandeiro de guisos.
Seguiam-no uns homens tocando
tambores, batendo batuque nos bumbos
bojudos.

E tudo envolviam,
travessos, peraltas, saltando
e correndo, os moleques vadios.

Por toda a villa reboava
a rouca cantiga do palhaço que berrava
acompanhado pela molecada,

"Hoje tem marmellada!"
"Tem sim sinhô."

E o surdo rumor
do tambor
e do bumbo
roncava profundo,

"Tem sim sinhô. E... tem sim sinhô."

E o bando festivo
passava gritando num longo alarido,

"O palhaço o que é?"
"E' ladrão de muié."

A villa
tranquilla
vestiu-se de festas.

E a noite chegando encontrou pelas ruas
escuras
o povo que andava ligeiro, depressa,
caminho
do grande circo de cavallinhos,
onde uns homens incriveis
faziam sortes impossiveis,
do arco-da-velha.

Do bojo do circo luzindo espantado
á ourela
da villa, subia, subia
e ao longe echoava risonha harmonia
de alegres dobrados,
restrugindo e retumbando
num compasso requebrado...

Derepente
a lua medrosa surgiu mansamente...

Dir-se-ia um outro circo de cavallinhos
plantado na crista do monte longinquo...

E para o qual ninguem subia
porque não havia
caminho.

RENATO TOLEDO

Quando o circo partiu

O Circo passou pelo villarejo.
Foi para longe, foi para a Cidade
deixando na alma do povo a saudade
do elephante; do urso que dansava
pesadão, ao toque do realejo;
da bailarina azul que rodopiava
no arame, entre nuvens de gazes e fitas...
E a visão de mil cousas bonitas. .

O Circo passou pelo villarejo
deixando na alma do povo o desejo
de que elle volte sobre o mesmo passo,
de que elle traga logo os aparatos
das pantomimas tolas e engraçadas
que fazem rir a bandeiras despregadas
ao som da banda de clarins e pratos,
dos tombos do palhaço!

— Vendo-o sair da villa sertaneja
o velho mendigo do portal da igreja,
nem eu vos sei dizer quanto chorou,
— lembrando a partida
de um Circo, que uma vez lhe desgraçára a vida...

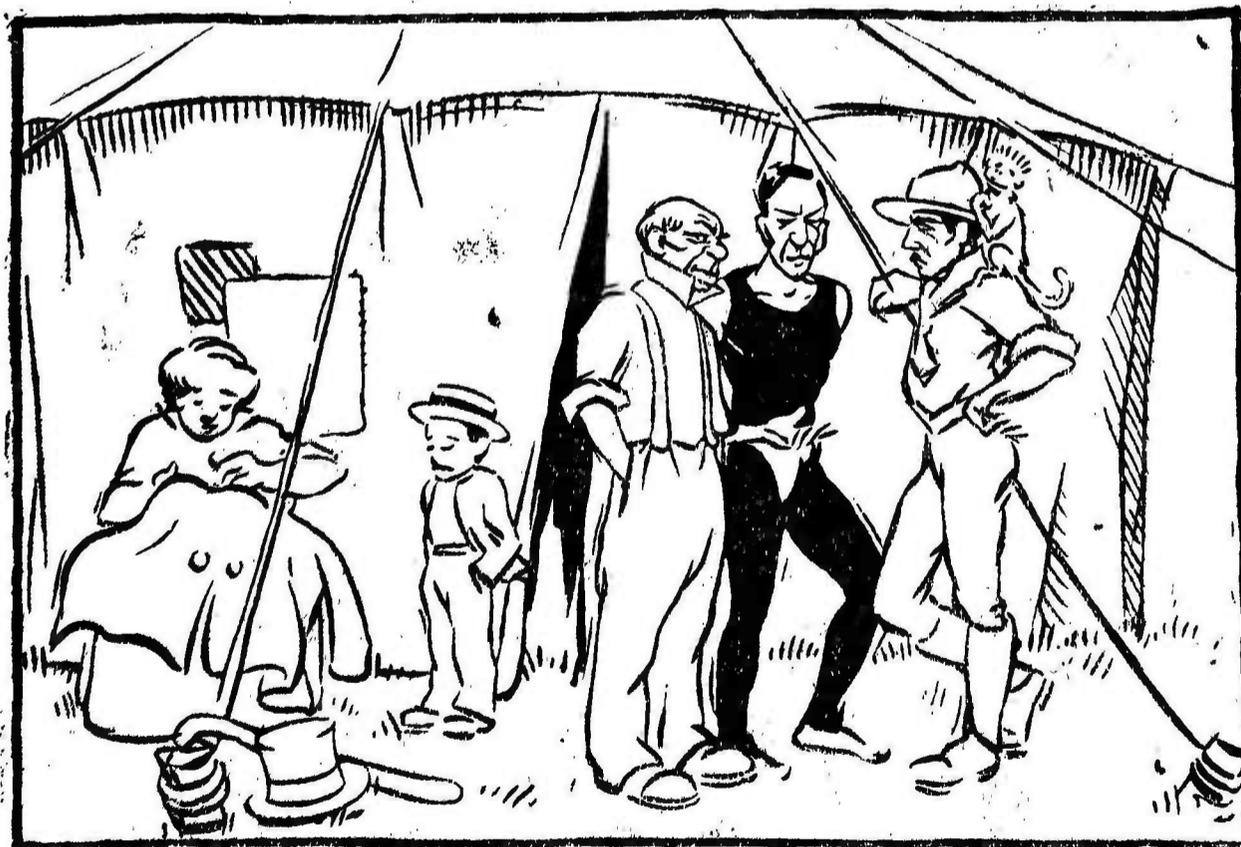
... "Elle teve outrora a companheira
que o ajudava a viver:
— Typo de cabocla brasileira,
mixto de Yara e de mulher
que dançava o samba revirando os olhos,
bambeando os quadris na saia de refolhos"...

No Largo, a molecada imita impertinente
o grito do Circo alegre que passou:

"Hoje tem marmelada?
Tem sim sinhô!
O paiaço o que é?
E' ladrão de muié!"

O mendigo, sacudido de soluços
move a cabeça affirmativamente,
cobrindo o olhar nos velhos trapos russos.

... O paiaço o que é?
... é ladrão de muié..."

Oliveira Ribeiro Neto

"PHENOMENOS REFLEXOS"

São sempre as affirmativas dos medicos, ao auscultarem os seus doentes que se queixam impressionados, de dôres, aqui, ali, acolá.

Pois bem, muitas vezes, observamos isso mesmo nas varias modalidades da actividade humana.

Não deixa de ser um phenomeno reflexo a preferencia do publico que necessita qualquer artigo no genero religiôso; phenomeno reflexo da actividade e attenção dos dirigentes da Casa Santa Ephigenia, sita á rua do mesmo nome n. 45-A, phone 2-3946. Sortimento inegualavel em artigos religiosos em geral. Livros, rosarios, santinhos, paramentos, alfaias, jarras, palmas, estampas, estandartes, filões, imagens de todas as invocações, e tudo o mais concernente ao genero.

Tudo bom, e a preços razoaveis.

M. SILVA & CIA

Sanguinea

Oh! meu Deus! estala-me a cabeça.
Queimam-me os labios resequidos pela febre...
Uma girandola vermelha, gottejando sangue rubro,
muito rubro, gira vertiginosamente ao redor
de mim, num rodopio louco!
Ao longe diviso uma quéda formidavel.
mas, oh! que horror!...
suas aguas se transformaram.. e
sangue, muito sangue,
se despenha em catadupas
num torvelinho vermelho!

O clamor fragoroso da cascata chega, aos meus ouvidos,
como lamentos..
Dir-se-ia que aquella quéda monumental,
bella e horrivel,
leva em torrente
o sangue de um milhão de victimas..

Tudo vermelho em torno; até o céu se tingiu
de um tom sanguineo!...

A pouco e pouco, gottas de chuva
começam a cahir...
mas,
são gottas escarlates,
que engrossam gradativamente,
para depois, numa bátega formidavel,
alagar de sangue os caminhos...

E' horrendo, meu Deus!
Os astros se contraem
num esforço supremo.
e, na dramatização dos mysterios,
numa derradeira hemoptyse,
inundam a terra
num diluvio de sangue...

OSWALDO ALMEIDA

A CORUJA

Noite alta. O orvalho põe tremulos brilhantes nas flôres adormecidas. O silencio da treva é cheio de perfumes estranhos.

. . . .

. . . .

Subito, num angulo de beiral cascateia uma risada de sarcasmo. E' a coruja que vela com os olhos em fuga para os ceus. O seu rir demoniaco tem qualquer coisa de mysterio. Uma coisa que é como um agouro e arrepia. Uma coisa vaga que faz vibrar os nervos numa angustia desconhecida e torturante.

A coruja, a bohemia vagabunda da noite, tem uma sensibilidade de poéta. Quando, embuçada na treva, dirige em silencio as suas pupilas vagas para o firmamento faiscante, a sua alma sonha com um mundo fantastico de belleza. E ella, que não tem uma voz para cantar, ri o seu grotesco riso enregelante de ironia.

Ella sonha, ella medita. E das profundezas do seu espirito delicado e incompreendido, só pode sair esse sinistro grito que apavóra. Pobre poéta torturado!

Porque não ha de a coruja possuir uma garganta divina de sabiá ou uma organização harmoniosa de patativa? Os sabiás e as patativas, embriagados pela luz fulva do sol, fazem cantar dentro em si, na gloria das manhãs de ouro, uma orchestra sonora de maravilhas.

Só a coruja não póde cantar. O mundo grandioso de harmonias que tem dentro de sua alma de artista, só desperta quando pela terra tudo adormece. Sua fantasia então acorda. Sóbe para os céus. Bebe inspiração nos espaços negros polvilhados de ouro. Compreende a serena belleza da noite. Mas não póde cantal-a. Só lhe sáem da garganta essas notas asperas que ferem os ouvidos.

E os homens temem a sua voz, que entretanto quer cantar hymnos de luz...

A treva é densa como um coração saudoso...

. . . .

. . . .

O socego religioso da noite é povoado pelos sonhos fantasticos da humanidade que dorme. Ha pelas horas mortas uma farandula de espectros que passam como sombras.

A coruja compreende o delirio dos fantasmas creados pelo somno. Ella que vigia, vê as sombras que vagam, e sobem, e descem, e dançam, e giram dentro da treva. Só ella sabe entender e decifrar a alma da noite.

E só ella não sabe cantal-a. Infeliz artista, que soffre as torturas diabolicas de não poder realizar a idéa concebida nas tramas desconhecidas da sensibilidade!...

. . . .

. . . .

Pelos espaços negros, vagueia a alma do silencio... Espertando os astros somnolentos... Fecundando as plantas... Perfumando as rosas...

. . . .

. . . .

Dentro da noite que dorme erram os noctivagos vagabundos. Quanta belleza de sonho ha no espirito contemplativo dos noctambulos! Quantos pensamentos enchem a alma dos que passeiam pela treva!

Compreender o que vae pela alma dos que perambulam pela escuridão, é ser poeta. A coruja entende-os. Sabe que elles levam vivo na fantasia o poema sublime do silencio. Sabe que elles vão levados pela volupia doce da solidão.

E quer então celebrar o espirito da noite. Mas o seu canto é uma risada rascante de motejo. Sempre a mesma risada satanica de escarneo...

. . . .

. . . .

Trazido pelo vento, espalha-se na noite um perfume esquisito, que é a mistura de todos os perfumes... Um perfume que se derrama pelo ar e vae pousar nas açucenas que dormem castamente... Nas violetas escondidas... Nos cravos vermelhos humidos de orvalho...

. . . .

. . . .

Pelas casas adormecidas, com as janelas fechadas de somno, passa a suavidade poetica duma serenata. Liricos que cantam a noite, vão despertar com a caricia doce dos violinos, o somno calmo das donzelas. E nelle põem as harmonias magicas do som.

Vêm de longe, do desconhecido. Passam breves, nas macias azas da musica e desapparecem na noite. Foram-se para o desconhecido.

Quem os compreende? A coruja que vela no beiral alongando para os céus constelados os seus olhos scismadores e profundos. Só ella sabe interpretar as notas que ficaram dispersas pelo ar. Só ella recolhe e traduz para si os encantos da musica.

E ella tambem quer cantar. Mas sua garganta fatal não exprime as harmonias que lhe povoam a alma sonhadora de artista. Articula apenas os sons grotescos de um grasnado sinistro.

A coruja então chora de raiva e desespero. Mas ainda o proprio pranto não é soluçante e nervoso como o dos urutáos melancolicos. E' sempre a mesma gargalhada lugubre de máu agouro...

Uma gargalhada arrepiante como o rasgar duma mortalha...

. . . .

. . . .

No céu as estrellas que scintilam são olhos piscos de cansaço... O luar é um sonho branco de luz... A Via-Lactea é a materialização luminosa da musa nocturna...

. . . .

14 — Fevereiro — 928.

LEÃO MACHADO

EPISTOLA AOS CORYNTHIANS

VIII

Estou definitivamente resolvido a modificar o tom ratão que tenho mantido nestas minhas epistolas. De hoje em deante não usarei mais aquellas expressões evangelicas e pernosticas do tratamento apostolico; tudo será entre nós, meus irmãos, liso e expedito como convem á época e a pessoas que se entendem... Assim vocês continuarão os mesmos gentios incorrigiveis e eu perderei o cunho pedantesco e vaidoso, mantido nas minhas cartas, embora inda me julgue bacharel e seja literato...

A proposito disso e em abono meu e da verdade que prégo, devo reservadamente lembrar que o peccado de ser bacharel e a balda de ser literato, andam por ahi sem remissão nem reprimenda. Esses dois atlantes que, segundo a sua prosapia, sustentam o entablamento da capacidade nacional, quando separados em virtude das suas virtudes — quasi se agatanham, mas se acaso se juntam, pelo poder agglutinante da vaidade — geram uma sapeação ameaçadora... O bacharel, isoladamente, é em notavel proporção, o maior dos nossos vaidosos, porisso não abre mão do "Dr.", mesmo nos seus cartões de visita. No entanto, ha um caso, talvez unico, em que despresa o titulo inflatorio — é quando assigna trabalhos literarios; ahi faz questão de assignar o seu nome nuzinho. .

Então o literato ganha do bacharel e, dessa victoria, vocês devem concluir que, por emquanto, o bacharel-literato é o maior adversario da pobre e singela modestia.

Ora, acontecendo que eu já sou bacharel e literato e que vocês poderão vir a sel-o apesar do coice, ou antes, por isso mesmo, devemos reconhecer o feio peccado da nossa vaidade e é justo que o purguemos, aqui ou algures, já ou mais tarde... Vocês não se fiem muito nos meirinhos deste mundo e preparem-se, como eu, para o que der e vier, no outro... De minha parte declaro que não costumo fazer pouco em ninguem, principalmente em Confucio, mas não concordo com elle quando diz que jejum é virtude de bonzo. Jejum, hoje em dia, é virtude de bacharel, assim como meditação o é de literato. . Para o caso, pois, da nossa remissão, o conselho é este: jejuar amanhã, se Deus quizer, e meditar evangelicamente e já.

MEDITAÇÃO I — "DIES IRAE"

... E desappareceu para sempre, numa luz universal e sem sombras, o ultimo dia da consummação dos seculos... E a terra se immobilisou num dia novo e sem fim, de luz immutavel, de calor continuo, reverberando de todos os lados, simultaneamente.

Desertaram dos céos varridos os meteóros luminosos. Subitamente a atmosphera se decompoz pela separação do ar, dos gazes e dos vapores... Dissiparam-se os tufões e as auras — já não havia meteóros aereos! Estagnou-se o mar; quedaram-se as suas mysteriosas correntes e as aguas se adensaram num infinito aguaçal; nenhuma agitação nesse plaino assombroso, onde o sol immoto se refrangia, apavorando o silencio. Tinham desapparecido os meteóros aquosos — as nuvens, a chuva, o rocio e a neve!

Parado o movimento esgotou-se a força — cessou a electricidade, apagou-se o raio, calou-se o trovão e, assim, de um em um, já não existiam mais meteóros!

Então, no seio das aguas, a vida succumbiu de uma vez, numa hecatombe formidavel!. Tambem a vida acabou nas arvores — os passaros e os insectos, mortos na integridade da existencia, subitamente cahiram dos galhos. A vida na terra desappareceu, por fim; num sopro da morte universal, os corpos tombaram molles, sem agonia... As arvores derrubaram as suas folhas murchas. As folhas

cahiram crestadas e a galharia nua, lançou para os ares o angulo sinistro das forquilhas — emblema da morte, reproduzido ameaçadoramente em todas as proporções, desde a do tronco formidavel a do cimo fragil... Forquilhas na terra executada, eriçando o grande corpo vegetal, implantado no chão!

E assim, dos ares quentes; do seio das aguas estagnadas e de sobre a terra secca, a vida desappareceu... Assim, na vastidão das campinas e das florestas, a flora se transformou numa accendalha ruiva...

Então, no silencio infinito; na immobilidade infinita; na mórte absoluta, só a luz existia... Então, dos quatro pontos da terra, irrompeu o clangor duma trompa assustadora...

... Imaginem vocês, nesse momento, a cara do bacharel-literato!..

PAULO DE S. PAULO